Aula 9

IDENTIFICANDO A HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA

META

Aprender o conceito de heterogeneidade constitutiva, na sua relação com a heterogeneidade discursiva

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Compreender que a heterogeneidade constitutiva se apreende pela memória discursiva

Compreender a relação entre heterogeneidade constitutiva versus heterogeneidade mostrada.

PRÉ-REQUISITOS

O aluno deve ter domínio do conceito de heterogeneidade mostrada, dialogismo, interdiscurso e formação discursiva

Eugênio Pacelli Jerônimo Santos
Flávia Ferreira da Silva

INTRODUÇÃO

Prezado(a) aluno(a),

Acabamos de ver na aula anterior que o discurso é heterogêneo, ou seja, que a palavra está sempre atravessada pela palavra do outro.

Foi a linguista Jacqueline Authier-Revuz, que, a partir do conceito de dialogismo, criado pelo russo Mikail Bakhtin, instituiu o termo heterogeneidade discursiva.

Sublinhamos, para Bakhtin, a linguagem só funciona pela dialogicidade, ou seja, o modo de funcionamento da linguagem é dialógico. Nas palavras do próprio autor (2002), "A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo".

De acordo com Fiorin (2007), "o conceito de heterogeneidade é uma maneira de precisar teoricamente o conceito bakhtiniano de dialogismo".

Authier-Revuz divide a heterogeneidade em constitutiva e mostrada, subdividindo esta última em marcada e não marcada, como vimos na aula anterior. A heterogeneidade mostrada marcada pode ser delimitada por uma série de recursos visíveis, tais como discurso direto e discurso indireto, as aspas. Mesmo a heterogeneidade mostrada, mas não marcada, pode ser identificada pelo recurso da ironia, do discurso indireto livre. Mas, e como identificar, a heterogeneidade constitutiva?

O nosso desafio nesta aula é este: Apreender a heterogeneidade constitutiva.

O DESAFIO DE APREENDER A HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA

Ao contrário da heterogeneidade mostrada, a heterogeneidade constitutiva não é representável, localizável (FIORIN: 2007). Ela não pode ser materialmente formulada na estrutura de um discurso direto, indireto, indireto livre, de uma ironia. Referindo-se a esses dois tipos de heterogeneidade, Authier-Revuz (1990) diz que

> Representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais de representação, num discurso, de sua constituição. (...) A uma heterogeneidade radical, exterioridade interna ao sujeito e ao discurso, não localizável e não representável no discurso que constitui, àquela do Outro do discurso – onde estão em jogo o interdiscurso e o inconsciente –, se opõe a representação, no discurso, das diferenciações, disjunções, fronteiras interior/exterior

> pelas quais um – sujeito, discurso – se delimita na pluralidade dos outros e ao mesmo tempo afirma a figura dum enunciador exterior ao seu discurso.

Embora considere que a heterogeneidade constitutiva seja não representável e não localizável, Authier-Revuz não afirma que as duas ordens [constitutiva e mostrada] "não sejam articuláveis, que não mantenham relações, que não sejam solidárias, mas apenas que são irredutíveis" (FIORIN: *op. cit.*).

Mainguenau (2005) tem pensamento semelhante:

> Apenas a primeira [heterogeneidade mostrada] é acessível aos aparelhos linguísticos, na medida em que permite apreender sequências delimitadas que mostram claramente sua alteridade (discursos reportados, autocorreções, palavras entre aspas, etc...). A segunda [heterogeneidade constitutiva] em troca não deixa marcas visíveis: as palavras, os enunciados de outrem aí estão intimamente ligados ao texto de maneira a não poder ser apreendidos por uma abordagem linguística stricto sensu.

Se uma abordagem linguística *stricto sensu*, ou seja, o uso de procedimentos linguísticos propriamente falando, como identificar tipo de discurso (direto, indireto), não dá conta de identificar a heterogeneidade constitutiva, já que ela não deixa pegadas visíveis, surgem as perguntas: É possível fazê-lo? Se é possível, qual deve ser o procedimento?

Vamos observar como Fiorin (*op. cit.*) trata dessa questão?

> Como se apreende, então, essa heterogeneidade? Pela memória discursiva de uma dada formação social. É a apreensão dos diferentes discursos que circulam numa dada formação social, dividida em classes, subclasses, grupos de interesses divergentes, pontos de vista múltiplos sobre uma dada realidade que permite ver as relações polêmicas entre discursos.

Para ficar mais claro como pode ocorrer a apreensão desse tipo de heterogeneidade por meio da memória discursiva de uma determinada formação social, vamos apresentar o estudo feito por Fiorin (*op. cit.*). Porém, antes vamos analisar mais detalhadamente o que significa definir a linguagem como dialógica ou afirmar que a linguagem é constitutivamente heterogênea.

Maingueneau (*op. cit.*) afirma que "Uma teoria do discurso deve, ao mesmo tempo, possibilitar a análise do funcionamento discursivo e de sua inscrição na história." O que quer dizer que o discurso é tanto um objeto linguístico quanto um objeto histórico. Tal teoria não pode privilegiar um dos

dois lados da realidade do discurso, nem o funcionamento nem a inscrição na história. É conhecida a crítica de Bakhtin ao Formalismo porque seus seguidores consideram o texto apenas quanto aos aspectos linguísticos, sem exame do fenômeno da inserção do discurso na história.

Nas palavras de Fiorin (*op. cit.*)

> Bakhtin, ao explicar que o fundamento da discursividade, o modelo de funcionamento da linguagem, é o dialogismo, mostra que a interação enunciativa tem um caráter constitutivo. Em termos de Análise do Discurso, isso significa dizer que o discurso é constitutivamente heterogêneo."

PARA LEMBRAR

Formalismo: Modelo de estudo de obras literárias surgido na Rússia e que prega que a análise deve ser feita apenas no interior da obra, sem referências externas a história, ideologia ou qualquer outro aspecto.

Os campos político, filosófico, do direito, religioso, entre outros, constituem o universo discursivo. Ainda, cada campo se compõe de vários espaços, ou seja, se compõe de interdiscursos. Assim, o discurso se constitui no interior de cada campo, constituição essa que se dá em formações discursivas pré-existentes.

Retomamos agora o conceito de heterogeneidade constitutiva para, em seguida, discutirmos como, mesmo não vindo mostrada no fio do discurso, podemos apreendê-la.

Na heterogeneidade constitutiva,

> "o discurso é dominado pelo interdiscurso: o discurso não é somente um espaço no qual viria introduzir-se, do exterior, o discurso outro; ele se constitui através de um debate com a alteridade independentemente de qualquer traço visível de citação, alusão etc. (CHARAUDEAU;MAINGUENEAU: 2008.)

Vamos ver como essa tese é abordada por Bakhtin, Pêcheux, Authier-Revuz e Maingueneau.

Na concepção de Bakhtin, as palavras são necessariamente as palavras do outro, é dos discursos do outro que o discurso se tece.

Segundo Pêcheux (1975),

> O próprio de cada formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que aí se forma, a objetividade material e contraditória do interdiscurso, determinando essa formação discursiva como tal, objetividade material que reside no fato de que isso fala sempre antes, alhures, ou independentemente, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas.

Conforme Authier-Revuz (1982), o sujeito conserva a indispensável ilusão de que é autônomo e consciente de seu discurso, embora seja na verdade clivado, dividido entre consciente e inconsciente.

Já, segundo Maingueneau, em definição de Charaudeau e Maingueneau (2008), "A identidade de uma formação discursiva é sempre indissociável de sua relação com as formações discursivas através das quais ela constrói sua identidade."

Com suas peculiaridades, o que une o ponto de vista de cada um dos quatro teóricos é o fato de que o discurso se constitui sempre a partir do discurso do outro.

ESTUDO DE FIORIN

Passamos a examinar o funcionamento da heterogeneidade constitutiva, usando como exemplo o estudo de Fiorin (*op. cit.*)

Ele se apoia na teoria de Bakhtin sobre o gênero romance. Para o teórico russo (2002), o romance "caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal" e, ainda, "O locutor penetra no horizonte alheio de seu ouvinte, constrói a sua enunciação no território de outrem, sobre o fundo apreciativo do seu ouvinte".

Apresenta-se, desse modo, o romance como o lugar privilegiado para exame da heterogeneidade constitutiva, visto que, conforme se observa acima ele apresenta uma pluralidade de estilos, de línguas e de vozes, exibindo o confronto entre diferentes perspectivas sociais.

Característica particular do romance é que ele expõe o interdiscurso, ao passo que outros gêneros, mesmo constituídos na necessária relação interdiscursiva, ocultam esse interdiscurso.

Fiorin analisa o romance *A cidade e as serras*, do escritor português Eça de Queirós, para defender o ponto de vista que, apesar de não aparecer no fio do discurso, a heterogeneidade constitutiva pode ser apreendida.

O romance se constrói na oposição civilização (cultura) x natureza, com obem simbolizam os termos do título "*cidade*" e "*serras*". Para uma melhor compreensão, sugerimos a leitura da obra ou de alguma resenha sobre o romance e/ou a consulta a um manual de literatura.

Ao longo do romance percebem-se três discursos que se autodelimitam. O primeiro discurso vê a cultura como toda ação/transformação do homem sobre a natureza, nesse sentido uma casa seria cultura, artificial, em oposição ao que é natural, instintivo, hereditário, do que seria exemplo, por oposição a casa, uma caverna.

> Este príncipe concebera a ideia de que o "homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado". E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristóteles, e multiplicando a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados desde Tarêmenes, criador da roda, se torna um magnífico Adão, quase onipresente, quase onisciente, e apto portanto a recolher dentro de uma sociedade e nos limites do Progresso (tal como ele se comportava em 1875) todos os gozos e todos os proveitos que resultam de saber e de poder.(QUEIRÓS, 2013, p. 138)

O segundo discurso abandona o contraste entre cultura e natureza para centrá-lo nas diferenças entre cultura e anticultura. Aqui a cultura de Paris é vista como falsa, superficial, e a de Portugal como verdadeira.

> Frescos ramos roçavam nossos ombros com familiaridade e carinho. Por trás das sebes carregadas de amoras, as macieiras estendidas ofereciam suas maçãs verdes, porque as não tinham maduras. Todos os vidros de uma velha casa, com sua cruz no topo, refulgiram hospitaleiramente quando nós passamos. Muito tempo um melro nos seguiu, de azinheiro a olmo, assobiando os nossos louvores. Obrigado, irmão melro! Ramos de macieira, obrigado! Aqui vimos, aqui vimos! E sempre contigo fiquemos, serra acolhedora, serra de fartura e de paz, serra bendita entre as serras! .(QUEIRÓS, 2013, p. 138)

No trecho acima homem e natureza encontram-se em comunhão. A descrição da serra portuguesa é contraponto à descrição realizada pela personagem Jacinto sobre a natureza parisiense.

O terceiro discurso não coloca civilização e natureza em lados contrários e entram numa complexa fusão, embora a natureza prevaleça sobre a civilização.

> Mas que nos importava que aquele astro ali se chamasse Sírio e aquele outro Aldebarã? Que lhes importava a eles que um de nós fosse Jacinto, o outro Zé? Eles tão imensos, nós tão pequeninos, somos obras da mesma Vontade. E todos, Uranos ou Lorenas de Noronha e Sande, constituímos modos diversos dum Ser único, e as nossas diversidades esparsas somam na mesma compacta unidade. Moléculas do mesmo Todo, governadas pela mesma Lei, rolando par ao mesmo Fim... Do astro ao homem, do homem à flor do trevo, da

> flor do trevo ao mar sonoro, tudo é o mesmo Corpo, onde circula, como um sangue, o mesmo Deus. E nenhum frêmito de vida, por menor, passa numa fibra desse sublime Corpo, que se não repercuta em todas, até as mais humildes, até as que parecem inertes e juvitais. Quando um sol que não avisto, nunca avistarei, morre de inanição nas profundidades, esse esguio galho de limoeiro, embaixo da horta, sente um secreto arrepio de morte; - e quando eu bato uma patada no soalho de Tormes, além o monstruoso Saturno estremece, e esse estremecimento percorre o inteiro Universo (...)
> Portanto, todos nós, habitantes dos mundos, às janelas dos nossos casarões, além nos Saturnos ou aqui na nossa Terrícola, constantemente perfazemos um ato sacrossanto que nos penetra e nos funde – que é sentirmos no pensamento o núcleo comum de nossas modalidades, e portanto realizamos um momento, dentro da consciência, a unidade do Universo! .(QUEIRÓS, 2013, p. 138)

Na análise de *A cidade e as serras*, Fiorin demonstra que

> "o que singulariza o [gênero] romance está no fato de que ele representa um espaço discursivo, um interdiscurso. Não se trata de marcar os diferentes discursos no fio discursivo, mas de apreender em conjunto diferentes discursos que se delimitam.
> (...)
> *Como o romance revela um espaço discursivo e este está no interior de um determinado campo, o gênero romanesco transita pelos diferentes campos, o religioso, o político, o filosófico, o científico, etc. O que marca a produção romanesca é a representação da heterogeneidade constitutiva que, nos outros discursos, se oculta.*

CONCLUSÃO

A heterogeneidade constitutiva não é, como vemos, um fenônemo que se possa fisicamente destacar, apontar, ao contrário da heterogeneidade mostrada, mas é perfeitamente apreensível. No romance A cidade e as serras pelo menos três discursos – cultura como ação do homem sobre a natureza, cultura x anticultura e fusão natureza/civilização, constituem o discurso romanesco.

É importante não termos uma visão dicotômica entre as duas formas de heterogeneidade, pois tanto a mostrada como a constitutiva estão presentes no discurso, e não acidentalmente, mas sempre, como própria condição para que o discurso exista.

Assim, ao apreendermos a heterogeneidade constitutiva, o que fazemos por meio de nossa memória discursiva, identificando a qual formação discursiva pertence este ou aquele discurso, compreendemos melhor a afirmação de que todo discurso se constitui pela presença do discurso do outro.

RESUMO

Heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada são duas realidades de ordens diferentes. Já que o primeiro tipo não pode ser materialmente construído pela estrutura linguística de um discurso direto, indireto, indireto livre, de uma ironia (Authier –Revuz: op. cit.)

Quatro autores que abordam essa tese, Bakhtin, Pêcheux, Authier-Revuz e Maingueneau, embora possam divergir quanto a concepções particulares, unem-se pela ideia de alteridade, ou seja, de que o outro é indespensável na construção do discurso.

Segundo Bakhtin, as palavras são necessariamente as palavras do outro, é dos discursos do outro que o discurso se tece.

Conforme Pêcheux (1975),

> O próprio de cada formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que aí se forma, a objetividade material e contraditória do interdiscurso, determinando essa formação discursiva como tal, objetividade material que reside no fato de que isso fala sempre antes, alhures, ou independentemente, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas.

Para Authier-Revuz (1982), o sujeito conserva a indispensável ilusão de que é autônomo e consciente de seu discurso, embora seja na verdade clivado, dividido entre consciente e inconsciente.

Já, de acordo com Maingueneau, em definição de Charaudeau e Maingueneau (2008.), "A identidade de uma formação discursiva é sempre indissociável de sua relação com as formações discursivas através das quais ela constrói sua identidade."

Portanto, o que une o ponto de vista de cada um dos quatro teóricos é o fato de que o discurso se constitui sempre a partir do discurso do outro.

Ponto de vista central nesta aula foi a demonstração de que é possível apreender a heterogeneidade constitutiva, o que ficou claro com a apresentação do estudo feito por Fiorin (op. cit.) acerca do romance *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós.

ATIVIDADES

1. Defina heterogeneidade constitutiva na sua relação com heterogeneidade mostrada.
2. O que significa dizer que a heterogeneidade constitutiva não aparece no fio do discurso?
3. Por que o romance é o lugar privilegiado para estudo da heterogeneidade constitutiva?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Essencial é que as questões:
1. Mostre que os dois tipos de heterogeneidade não são excludentes e que ambas decorrem da característica principal do discurso, que é ser atravessado pelo discurso do outro.
2. Esclareça que ela não pode ser identificada sublinhando-se um arranjo linguístico como um discurso direto, indireto ou uma glosa.
3.Argumente que o romance revela o interdiscurso, fenômeno que os outros gêneros ocultam, e mostre que o romance apresenta diferentes vozes em conflitos ideológicos.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, a de número 10, estudaremos a designação. Vamos observar os diversos modos de apresentação do referente no discurso. Como as referências são estabelecidas discursivamente.

AUTOAVALIAÇÃO

Reflita sobre as seguintes questões:

1. Consigo perceber que a heterogeneidade constitutiva pode ser apreendida?
2. Consigo estabelecer diferença entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva?

3. Ficou claro, para mim, que Bakhtin é uma das fontes primárias para a formulação do conceito de heterogeneidade?

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade:** um estudo enunciativo do sentido. Revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas:** as não coincidências do dizer. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

______ **Problemas da Poética de Dostoiévski.** Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

______. **Questões de literatura e estética** – A teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.

______. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Lingüísticos.** Campinas: UNICAMP, n. 19: 25-42, jul.; dez.1990.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Trad. Fabiana Komesu. **Dicionário de análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001.

______. **Novas tendências em análise do discurso.** São Paulo: Pontes, 1989.

______. **Gênese do discurso.** Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

PÊCHEUX, M. **O discurso :** estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 4 ed. Campinas: Pontes, 2006.

______. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

______. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993a. pp. 61-161.

QUEIRÓS, Eça de. **As cidades e as serras.** São Paulo: Livros do Brasil, 2013.